


C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES



TEBE

Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 30 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

A Família dos Trabalhadores na consciência dos Patrões

Pelo DR. MÁRIO NORTON

I

Trabalho é o meio normal que o homem tem ao alcance para sustentar a própria vida e a dos seus.

Por este processo realiza um esforço, às vezes desesperado, de salvação.

Defende-se da morte, sequência da fome, procurando no ganha pão de cada dia, as fracas migalhas com que alimentará os filhos que Deus lhe deu.

A dor que dilacera o coração dos bons pais, as lágrimas de sangue que as mães escondem aos olhos dos filhos, quando o trabalho falta, a doença impossibilita ou o salário pouco mais chega que para o primeiro pão do dia, representam no quadro familiar a mais impressionante cor da tragédia humana.

O homem tem o dever de conservar a sua existência. Tem por direito natural a faculdade do matrimónio, que lhe impõe a missão divina de propagar a espécie.

Por mais voltas que o mundo dê, por diferentes que sejam os ventos a soprar no universo, uma coisa é certa: o homem não foge a tal destino.

Viver e cumprir a vida é assim a grande tarefa que aflige e ocupa a humanidade.

Viver de quê? Como cumprir a vida?

A todos responde uma só voz: trabalho.

Do trabalho se há-de viver, pelo trabalho se cumprirá a vida.

Aparece-nos, assim, na ordem social um indiscutível imperativo: proteger e dignificar o trabalho.

Trabalho organizado e disciplinado para servir o homem, o melhor possível, nas suas necessidades de vida.

Se o trabalho serve a produção e é fonte de maior riqueza, não podem as condições económicas, esquecer a pessoa daquele que o exerce.

Compete ao capital, em consciência, justiça e interesse próprio, respeitar e satisfazer os legítimos direitos do trabalho.

Para aqueles que não se apercebem da pouca sorte dos outros, porque só da sua cuidam, e são os que infileiram no número que reage contra a disciplina, organização e justas reivindicações do operário, não é demais recordar velhos tempos por alguns platonicamente recordados, mais por ignorância, incompreensão ou carência de sentido social do que, estou certo, por falta de consciência ou de coração.

No regime de liberdade, em que o Estado tudo deixa fazer e passar; onde cada um defende os seus interesses, no objectivo do maior lucro, sem respeito pelo interesse e sorte dos outros; em que a satisfação do que respeita a muitos, é sacrificada à satisfação do que respeita a poucos; — os que vivem exclusivamente do trabalho, tudo têm a perder, pois são, pela ordem natural das coisas os mais fracos, os menos amparados, e neste regime de ampla liberdade vence na luta, quem possui melhores elementos de força.

Que acontecia então aos trabalhadores?

Viviam no inferno da fome.

(Continua na página 7)

O Dr. Aires Duarte fala ao «Boletim da TEBE» dos propósitos da «Associação dos Dadores de Sangue»

«Mais do que tradições, as transfusões de sangue em Barcelos têm já uma pequena história»
— afirma-nos o ilustre facultativo.

Cavaleiro de Oliveira, em carta a respeito do estilo, a F. Tasso Diáxo, adverte-o "... porém se não gostais de serdes entendido, que é que vos impede que vos caleis?».

Não é o caso do meu entrevistado. O Dr. Aires Duarte fala quando tem algo a dizer e, consequentemente, nunca está calado.

Dialéctico admirável, temível, vence mesmo quando não convence. Por vezes — afigura-se-me — esgrime contra moíños de vento. É pena. Não que destempe o aço do seu florete que é de altíssimo quilate.

Mas destempera os circunstantes, e debilita-se ele próprio com o desgaste de energias malbaratadas.

Falando em linguagem dos nossos dias: O Dr. Aires Duarte tem um sentido precioso do jogo. Domínio de bola insuperável. Lealdade. Inspiração.

Joga sempre com a cabeça e dá a sua preferência pelo jogo ALTO.

Deus, porém, não o fadou pr'ás fintas e, por isso, acaba tantas vezes por introduzir o esférico na sua própria baliza.

Seja em razão de amores mal correspondidos, ou por que tenha, antes, um modo mui *sui generis* de amar — isso não importa e o essencial é Amar — o certo é o Dr. Aires Duarte tornar-se possuidor da ciência de auto fecundação e ter sido Pai e Mãe de muitas iniciativas que o ilustram e são, ou devem ser, orgulho dos barcelenses.

Assim acontece com a recém-nascida e promissora Associação de Dadores de Sangue.

Ele fecundou, a gerou e assistiu-lhe ainda com a indiscutível proficiência do grande obstetra que é.

Posto isto, e à laia de Gil Vicente, direi: Senhores Homens de Bem, escutem Vossas Senhorias.

— Algumas palavras, Dr., sobre a Associação de Dadores de Sangue.

— A Associação de Dadores de Sangue não pretende fazer em Barcelos uma coisa nova — que seriam as transfusões — pela razão simplíssima de que elas já vêm sendo feitas há anos, com notável regularidade. A Associação contenta-se em fazê-las de uma forma nova, isto é, segundo uma técnica mais actual, mais perfeita, mais segura.

— Parece-lhe então, que aqueles serviços não funcionavam de forma satisfatória?

— Pode, na verdade, perguntar-se com que direito se abalançam os fundadores da Associação ao tentar uma tal empresa, a condenar o modo como actualmente estão funcionando nesta cidade os serviços transfusionais. Responderei: Com o direito comum das gentes, primeiro, e, depois, porque, tendo sido eles os iniciadores de tais serviços, sentem sobre si não só as honrosas tradições dos dadores barcelenses, mas também as responsabilidades duma organização que eles próprios instituíram, com todas as qualidades e defeitos que revelou.

— Quer dizer, o serviço de transfusões de sangue tem já tradições em Barcelos?

— Mais do que tradições, as

transfusões em Barcelos têm já uma pequena história que merece ser contada, pois revela, da parte dos dadores, a permanência dum forte sentimento altruista, belo e incansável, e, ao mesmo tempo, um desejo de enriquecer o valor da sua dádiva com as vantagens da melhor técnica transfusional que fosse possível adoptar.

Este respeitabilíssimo desejo encontrou porém, grandes restrições.

— Qual a razão?

— Proveniente principalmente da falta de uma organização adequada. Não se pode pedir a uma população civil, não adestrada no combate ao incêndio, desprovida de materiais próprios a essa luta, só movida pelo seu espírito de sacrifício e apenas equipada com baldes de água que vão encher à fonte mais próxima — não se lhe pode pedir, dizia, a mesma eficiência e segurança de resultados que é lícito esperar duma corporação de bombeiros voluntários, dispondo de toda a variedade de material adequado, obedientes a uma disciplina, e perfeitamente instruídos. O bombeiro voluntário, em relação ao voluntário civil, beneficia das vantagens de uma organização e de uma técnica que lhe permite exercer a sua missão em circunstâncias de obter o melhor resultado com o mínimo de riscos pessoais.

Foram esta organização e esta técnica que os fundadores da Associação sempre procuraram realizar, desde o dia da sua primeira transfusão no Hospital de Barcelos até agora.

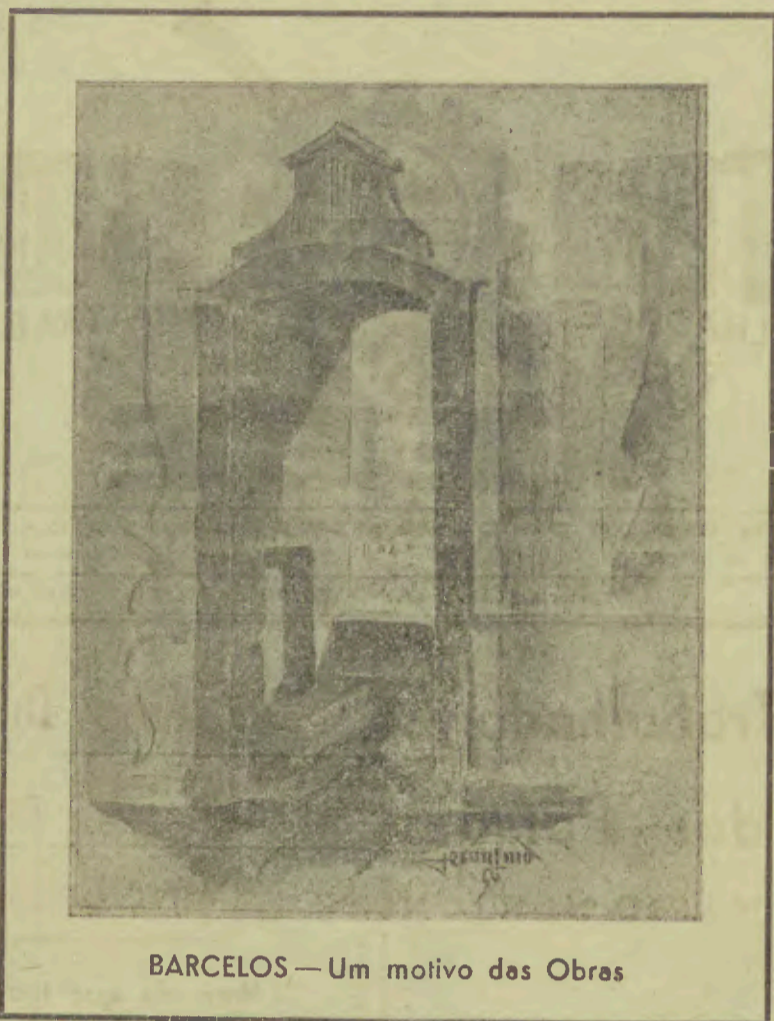
— E conseguiram-no?

— Creio que sim. Ou estão em vésperas de o conseguir, se a população da cidade e do concelho se dispuser a dar a esta obra — que é exclusivamente para seu benefício — a indispensável contribuição material. Comparada com as vantagens inapreciáveis de encontrar ao seu serviço uma boa organização transfusional, e comparada principalmente com a pesada contribuição dos dadores, a quota monetária que se pede é tão pequena que não poderá constituir encargo insupportável para umas boas centenas de barcelenses.

— Disse o Dr. que as transfusões em Barcelos tem, além de tradições uma pequena história.

— Se não recesso alongar-me dar-lhe-ia alguns pormenores dessa pequena história da transfusão em Barcelos, a que atrás aludi. Eles ajudarão a compreender por que é inadequada e deve ser substituída a forma de trabalho seguida até agora. E verá que a censura dos fundadores da Associação, se vai além das coisas e atinge também pessoas, são eles, afinal, os atingidos.

Instituído em Março de 1938 o Serviço de Cirurgia do Hospital com uma amplitude que ao tempo era larga — e ainda é a que hoje tem — começou a ser preciso fazer transfusões.



BARCELOS — Um motivo das Obras

Tudo quanto, então, os médicos podiam conseguir era solicitar ao Comando do Corpo de Dadores da P. S. P. do Porto, a cedência dum dador. Aprecia-me declarar que, sempre que fazíamos tal pedido, fomos prontos e gentilmente atendidos, tanto pelos guardas que se prontificaram a dar sangue, como pelos seus superiores hierárquicos, que nos concederam todas as facilidades. De 12 de Maio de 1938 a 12 de Outubro de 1940 fizeram-se assim 8 transfusões.

Mas, como é fácil de calcular, esta solução não podia servir as nossas necessidades. Havia a demora dos comboios, a limitação da quantidade de sangue que se podia extrair ao dador (só vinha um de cada vez, e já era um grande favor).

Para que a transfusão de sangue pudesse ser feita com a presteza e na quantidade exigida por cada caso, era necessário ter dadores em Barcelos. Talvez esta conclusão tivesse adquirido ainda mais força por efeito dum sentimento de bairrismo.

Logo a 19 do mesmo mês de Outubro surgiu um desses casos desesperados. Não haveria tempo de requisitar um dador do Porto, e o último comboio já tinha partido de lá. Realizavam-se assim, pela força das circunstâncias, as condições em que ia iniciar-se a transfusão de sangue com dadores de Barcelos.

A primeira ideia foi pedir voluntários aos Bombeiros. Minutos depois, apareciam no Hospital alguns rapazes prontos a tudo o que lhes pedíssemos em favor da doente. Escolhido um — o Arnaldo Ferreira, o 30 — ime-

diatamente procedemos à transfusão que decorreu da melhor forma e teve o melhor resultado: a doente curou-se.

Organizou-se então um pequeno núcleo de dadores, recrutados na corporação de Bombeiros de Barcelos, no que muito nos ajudou o seu comandante de então, Senhor Artur Roriz.

Nessa época ainda dominava o conceito, hoje quase abandonado, de *dador universal*, isto é: do dador do grupo O, cujo sangue, teóricamente, pode ser transfundido sem perigo a indivíduos de qualquer grupo do sistema ABO. Portanto, escolhemos um punhado de moços com cujo sangue iríamos fazer face às necessidades de todos os doentes. São desse tempo, entre outros, o Henrique Correia, o Arnaldo e o Sérgio Santos, verdadeiros *veteranos* da transfusão.

— Não há dúvida nenhuma que esses *veteranos* merecem a simpatia e solidariedade de todos.

— Certamente. As coisas mantiveram-se neste estado até ao fim de 1945, tendo-se realizado nesses quatro anos e pouco 49 transfusões. Mas era evidente que se tornava necessário aumentar o quadro de dadores e preparar uma lista de dadores disponíveis de forma que, a qualquer momento, se soubesse rapidamente quem estaria em condições de ser chamado a dar sangue.

— E para isso depararam-se-lhe dificuldades?

— De modo nenhum. A partir de Fevereiro de 1945 começa uma nova época.

Inscreveram-se cerca de duas dúzias de novos dadores, recru-

tados nas duas Corporações de Bombeiros locais, na G. N. R. e ainda na população civil. Sob o ponto de vista puramente técnico, foram importantes as alterações introduzidas: além dum arquivo bastante completo, instituiu-se o exame médico e laboratorial do dador, abandonou-se a prática de transfusão directa, braço-a-braço, cheia de inconvenientes de toda a ordem, e passou-se a fazer, sempre que era possível, a transfusão iso-grupal, isto é: observando que dador e doente pertencessem ao mesmo grupo.

Esta última medida não só permitia afastar os riscos que o sangue do grupo O às vezes representa para os doentes dos outros grupos, mas ainda economizava o sangue deste grupo (para as ocasiões de escassez) e "dividia o mal pelas aldeias".

Dentro desta orientação fizeram-se, até 19 de Agosto de 1946, 43 transfusões.

Segue-se então um período relativamente longo que se caracterizou apenas pela admissão de alguns novos dadores.

— O que não significa que o serviço não continuasse a bela tradição.

— Que eu saiba, não se repetiram, como era conveniente, os exames periódicos, toda a actividade tendo-se reduzido, ao que parece, a injectar sangue quando era necessário.

Todavia, esta organização que foi sempre precária, sempre um pouco atrasada em relação aos métodos então utilizados, distanciou-se ainda mais pelo extraordinário progresso da técnica transfusional. Ao lado dos novos processos do trabalho, a par com a descoberta de novos factores sanguíneos que era absolutamente imperioso levar em consideração (como seja o sistema Rh), surgiam problemas de organização e de protecção aos dadores, que não podiam ser desatendidos sem fazer correr a estes alguns riscos excessivos e desnecessários. E neste capitulo é-me grato recordar que os dadores de Barcelos, no período de Fevereiro de 1945 a Agosto de 1946 beneficiaram dum racionamento suplementar de géneros alimentícios, inteiramente igual ao que então era concedido aos dadores dos Hospitais Cívicos de Lisboa, suplemento estes que lhes era oferecido. Bem sei que representava pequeno valor. Mas não era possível fazer mais em favor deles e, em qualquer caso, o nosso objectivo era assegurar-lhes possibilidades duma alimentação restauradora.

— De todo o ponto justíssima.

— Como vê, se por um lado estivemos sempre atrasados em relação aos serviços contemporâneos, por outro procuramos melhorar as condições da prestação de sangue e da transfusão, tanto quanto nos era possível. E se é verdade que não temos muito que nos orgulhar, em nossa opinião podemos afirmar, com enorme satisfação, que, se não

Secção Desportiva

NOTICIÁRIO

Terminou o Campeonato Nacional de Oquei em Pátins, tendo o Sport Lisboa e Benfica ganho o título máximo num emotivo encontro, frente ao Infante de Sagres, pela diferença de 4-2. O grupo nortenho, mostrou subida de forma, em relação a épocas anteriores, só perdendo o campeonato no último jogo.

Com a participação das equipas Séniores e Júniores, do nosso Clube e Vitória de Barcelinhos, estava marcado para o passado dia 18, um torneio em benefício da população heróica, da sacrificada Hungria, em disputa das Taças Heróis da Hungria e Mindszenty, ofertas do nosso Clube e da futura Tipografia «Gil Vicente».

O mau tempo não o deixou realizar, ficando para data a designar. É justo que todos os barcelenses dêem apoio a esta iniciativa, que é ao mesmo tempo a continuação na nossa terra, do movimento de solidariedade, que o País vem levando a efeito.

— Dizem-nos que Manfredo Silva, chefe de secção de oquei no nosso Clube, está demissionário. Motivos?... No próximo número procuraremos dar mais pormenores.

— Por absoluta falta de espaço não nos é possível dar mais alargamento a esta página, o que procuraremos fazer no próximo número.

W. E.

Contrariamente aos nossos desejos não podemos publicar este número e o próximo em papel especial.

dispúnhamos dos meios técnicos mais excelentes, tivemos sempre connosco o entusiasmo estuante e a larga generosidade inexgotável desse extraordinário grupo de rapazes que foram — e a maioria continua a ser — os primeiros dadores de Barcelos. Com eles foi possível fundar o primeiro núcleo de dadores e com a sua abnegada colaboração se atenderam todos os doentes necessitados de sangue. A eles, só, se deve essa organização tão pobre mas tão eficiente que permitiu por vezes operar prodígios. Não sei de quem, com mais direito que eles, tenha autoridade para reformar uma organização que está francamente antiquada, que não pode fornecer sangue em quantidades progressivamente crescentes, que não dispõe de meios laboratoriais para preparar a transfusão de acordo com as regras agora exigidas, que não pode vigiar a sua saúde como é mister, que não tem forças para enfrentar a vastidão de problemas de toda a espécie que o serviço de transfusões de sangue hoje levanta em todo o mundo.

A tarefa dessa reorganização, a que se deu o nome de Associação de Dadores, excede — acusado é dizê-lo — as possibilidades de uma só pessoa, ou mesmo as de um pequeno grupo como o que até agora suportou o peso e a responsabilidade de fornecer sangue para transfusões. Precisamos de algumas centenas de dadores em todo o concelho. Precisamos de dinheiro para adquirir uma série completa de soros da melhor qualidade e outros artigos indispensáveis. Carecemos de condições materiais que nos permitam indemnizar o dador pelo tempo perdido e outros prejuízos. Precisamos de colaboradores médicos e não médicos. Precisamos de palavras de apoio moral, para que os dadores, abandonados a si próprios, não

acabem por se convencer que a sociedade barcelense vê num gesto fraterno, abnegado, altruista, espontâneo, e inteiramente livre, como é a dádiva de sangue — apenas um pouco mais, ou um pouco menos, do que o dever de escravo.

Perante o fenómeno único da Associação dos Dadores de Sangue só é legítima uma de duas atitudes: ou o apoio, o aplauso, a ajuda total à obra que a Associação pretende realizar no interesse de todos, ou uma crítica franca dos métodos escolhidos, capaz de demonstrar que eles não são os melhores em si mesmos nem os mais adequados aos fins que se busca atingir, altos fins porque são do interesse geral.

— Está fora de causa a crítica aos métodos e até às intenções. Se mal não cuido, parece-me despropósito equacionar o problema.

— É um modo de ver. Num caso como no outro, os dadores de sangue que fundaram a Associação hão-de ficar informados sobre o acerto ou o erro da sua decisão, podendo sentir a consciência tranquila por lhes reconhecerem as boas intenções e, em qualquer caso, continuarão a dar o seu sangue como até aqui, singelamente, sem alarde e sem escolha de pessoas. Estou certo, — porque os conheço bem, de há muitos anos — que nem mesmo àqueles que, tendo algum dia recebido o seu sangue generoso, vieram a esquecer completamente o serviço que esses valorosos rapazes tiveram a sorte de prestar-lhes nessa altura.

E mais não disse o Dr. Aires Duarte.

Suponho, todavia, ter sido o bastante para elucidar os leitores do «Boletim» e incentivá-los à solidariedade e simpatia de que a Associação é, verdadeiramente, digna.

Décio Nunes

A FERRO E FOGO

(POEMA DESTA HORA)



*Os canhões desenharam a fome e a tristeza
e a terra, ensopada dum sangue inocente,
espera, a cada passo, num ritmo premente,
a redenção da morte,
em chispas de beleza.
Crianças e velhinhos, esmagados a esmo
completam um cenário de lutas homicidas
em que o luto ressoa nos peitos carcomidos,
na angústia alucinante de gritos e gemidos
que extravasam dos corpos trespassados de f'ridas.*

*Na Europa e na Ásia rebentam as granadas,
e o ritmo da morte... além...
e aqui mesmo, perpassa em nossos olhos
no horror das espingardas.*

*Só tanques e canhões e assaltos viperinos,
crianças trucidadas...
só luto e corrupção...
A justiça anda de rastos, e a voz dos pequeninos
levanta-se até Deus pedindo protecção!!!*

*Os homens sem amor caminham sem parar.
A guerra e só a guerra atinge a perfeição.
Que importa que teu filho aprendesse a rezar?
Que importa que tu tenhas ainda coração?*

*O mundo que te cerca é efémera trajectória...
A guerra uma constante em carros de combate.
Na luta que surgir alguém terá vitória?
Os átomos desfazem um mundo que se parte.
Ninguém tenha ilusões!
Nem olhe em desafio!*

*A morte que ficou demonstra uma passagem
de tudo que virá se o homem não quedar.
Ai a guerra! Oh Deus meu!!!
É a última viagem dum mundo que se perde
num breve desabar.*

*Se a morte nos trouxer a nesga da esperança,
se a luz que despontar trouxer amor à terra,
se a humanidade inteira respeitar a criança
e um grito altissonante banir de vez a guerra*

*Talvez que valha a pena lutar com todo o ardor
em prol dum novo mundo com paz e com amor.*

A HUNGRIA

MÁRTIR DUM IDEAL

Por MARIA LÚCIA

O mundo inteiro vive horas de incerteza e sobressalto; mas no meio das suas inquietações todos os países se curvam reverentes e silenciosos numa homenagem profundamente sentida ante a grandeza e o heroísmo do povo húngaro. Vozes de clamor se levantam e com repulsa incriminam a União Soviética do mais hediondo crime dos nossos dias. De todo o mundo ocidental surgem protestos, mas com fúria sanguínea as hordas bárbaras, nada escutam, nada sentem, nada as detêm na sua onda de destruição.

A Hungria não pode ser vencida ainda que a nação inteira seja devastada, calcada e espezinhada pela brutalidade da força material dos russos. Os húngaros lutam por um Ideal—a liberdade da sua pátria, a liberdade dos seus direitos de cidadãos, a liberdade dos seus espíritos altivos. Os húngaros querem formar um estado independente, porque têm a consciência de que formam uma Nação, cheia de belas tradições e cheia de energias criadoras.

As fronteiras duma nação não se criam arbitrariamente em tratados políticos nem surgem ou desaparecem conforme as ambições dos vizinhos poderosos. A Hungria é uma Nação que, durante séculos consolidou, em alicerces profundos, a independência nacional. Senhores da forte consciência da sua nacionalidade o povo da Hungria não se deixa absorver pela Rússia ainda que politicamente a sua independência tenha sido, por vezes, ilusória e aparente. Os credos políticos, as doutrinas demagógicas dos que em nome da Liberdade esmagam e escravizam povos inteiros, não conseguiram enraizar na Hungria, nem sequer catequisar aquela camada de descontentes e de revoltados que em todas as nações sempre existem.

O povo inteiro dessa terra que venera Deus, ama a Pátria e defende a família, levantou-se inteiro num grito uníssomo de revolta. Epopeia de sangue, escrita em estrofes maravilhosas de heroísmo e de abnegação. Não podem os húngaros, vencer a força desmedida das divisões russas; mas jamais os russos poderão

abafar, com o troar dos seus canhões, o altivo, belo, gigantesco, sonoro e estridente apelo dos patriotas—que Deus salve as nossas almas!... Sim as vidas, já não interessam quando se morre pleno de entusiasmo por ideal sagrado.

Sacrificam-se heróicamente milhares e milhares de vidas jovens, num anseio santo de independência. O povo da Hungria quer ser governado conforme as suas velhas tradições, o povo da Hungria tem uma história e quer continuá-la, o povo da Hungria quer ajoelhar livremente nas suas belas catedrais. Quem lho poderá impedir?—A força das armas!

Desoladora perspectiva e desoladora prova de quão pouco vale o Direito, a Moral, a Justiça entre os homens do século XX, super-civilizado século em que vivemos.

Milhares de sábios, de santos, de filósofos, juristas, pensaram, deduziram, ensinaram e deixaram em centenas de obras os mais belos ensinamentos, os mais profundos pensamentos, as mais justas leis que deviam reger a educação e a formação moral das gerações futuras. Trabalho vão? Continua a triunfar e a vencer a força selvagem do homem-animal dos tempos primitivos?

Não podemos crer que assim aconteça porque sabemos que força alguma material esmaga a nossa alma. As armas modernas poderão arrazar cidades e nações inteiras mas o espírito indomável dos patriotas jamais morrerá, jamais desaparecerá, jamais se curvará vencido, ante doutrinas contrárias à sua dignidade.

Estremecem os povos ante o horror das barbaridades cometidas contra o infeliz povo húngaro e, num gesto de amizade fraternal, muitas nações lhe enviam os socorros mais urgentes capazes de lhes aliviar o sofrimento incomensurável dos milhares de refugiados—mulheres desamparadas, crianças orfãs, feridos exaustos. É um movimento de solidariedade cristã que avassala Portugal inteiro com a abnegada intenção de ajudar os que sofrem e combatem por todos nós—homens livres e cristãos.

A maldade caminha por todos os atalhos do Mundo

«O patife tem sobre o homem honrado a vantagem de, em caso de necessidade, poder praticar actos de honradez sem deixar de ser patife, ao passo que o outro não pode praticar uma patifaria sem deixar de ser honrado».

VALTOUR

Já há muito tempo que tinha escrito este quase artigo, que hoje encontrei, por acaso, numa gaveta de papéis velhos. Li-o e confesso que nunca o achei tão oportuno como agora... razão porque lhe dou a justa publicidade. A oportunidade da sua publicação foi filha do acaso e, ao mesmo tempo, duma labareda enorme que batida por ventos desconhecidos queimou a minha alma, obrigando-me a trazê-lo à luz da publicidade, sem um corte, sem um desvio, sem a mudança de qualquer pedra do tabuleiro de ideias e sofrimentos vividos e, por vezes, necessários, para ajuizarmos dos homens sem dignidade, sem moral e sem justiça e que se julgam senhores intangíveis. Vejamos como se passam as coisas... (lá mais para diante).

O artigo irá—creio eu—(oxalá que me não engane) esmagar levemente a alma daquela fauna que, irmanada no desejo de prejudicar, nada recela para vencer. Este artigo—seja-me lícito afirmar—não é dirigido a ninguém em particular (entenda-se bem) mas a todos os homens que possam ajuizar dos outros que nos cercam, nos cumprimentam amavelmente, nos adulam por vezes, para, de igual modo, e sem cerimónia alguma, nos atraírem com a mentira, nos apunhalarem com a calúnia, nos denunciarem com a impostura...

O homem perverso, satânicamente mau, não é tão somente aquele que (tu) saídas nas praças públicas, nem aquele que espia, na sombra, os teus passos certos de homem livre (pelo menos até onde permite a condição humana); o homem mau é também o intriguista ingénuo (só na aparência) que sugere, sem afirmar, que profere palavras sincopadas; mas reticentes, sem coragem bastante para tornar lícitas suas atitudes viperinas.

Mal vai ao mundo, se os dirigentes dos povos, das sociedades, das escolas, das oficinas, das fábricas, se os acreditam sem prova, se os estimam e consideram como amigos, porque serão eles (ouvi bem!... homens de todos os credos e condições!) os vossos piores inimigos.

Já Santo Inácio afirmava que «o mau facilmente suspeita de quantos o rodeiam, como aquele que padece de vertigens julga que tudo se move».

Pois bem, caríssimos senhores! As minhas palavras ser-vos-iam mais queridas se fossem concludentes. Garanto-vos que são. Provar-vos-ei que vos não minto. Poderia contar-vos um caso vivido comigo mesmo, mostrando-vos uma resenha de alguns caluniadores célebres; mas ficarão para possíveis oportunidades. Mas para que vos dizer quem são? Alguns já vós os conheceis...

É triste que o caluniador vivendo da intriga, só com ela possa medrar. Infelizmente, alguns homens, semelhantes a víboras, vão mordendo sem barulho, aqui e acolá, com o intuito firme e anavalhante de menosprezar seja quem for... com o intuito me-quinho de, assim, com facilidade preparar...

Mas tudo tem um limite, até a própria paciência humana; uma vez ultrapassado esse limite teremos de fazer como outrora—não amarraremos claro está ninguém ao pelourinho para ser conhecido dos transeuntes; mas azorrgaremos os vendilhões de mentiras e citá-los-emos em todas as colunas de todos os jornais para que possam ser afastados do caminho do homem bom.

Se é certo que os «maus são uma espécie de doentes que não querem médico» talvez prefiram viver, como até aqui, escondidos na sombra, para melhor digerirem o prazer de macular toda uma sociedade...

O juízo acerca da maldade dos homens não pode condicionar-se somente à associação de ideias, é mister diferenciá-lo numa especificação que não fique liberta duma impossível demonstração.

Tentemos fazê-la, ao correr da pena, sem grandes especulações filosóficas, sem palavras inúteis e sem grandes burilados de retórica.

Iremos dizer, numa atracção de verdade, como nasceu a mentira.

— Já sabem!? Sim! Dizem que fulano...

O circunstante na avidéz natural de perscrutar o mistério (embora nada se passasse), responde, embora titubeante:

— Também já ouvi qualquer coisa... E as pedras falsas dum tabuleiro imaginário giram, modificam-se e avolumam-se numa velocidade louca (digamos como agora se fala), electrónica, erreverentemente alarmante. Minutos não passados, como um estrondo, o segredo caldeado nas retortas duma imaginação doentia transforma-se, como por encanto, numa irrefutável verdade porque alguém acreditou...

E tudo é possível quando se principia por crer na voz audiciosa dum cor-deiro velhacamente inocente. Dizem... Dizem!...

É bom que todos os homens com responsabilidades moral e a dos cargos que desempenham nas sociedades saibam ser cautelosos e não acreditem, de ânimo leve, nas palavras de qualquer embusteiro.

Saibamos exigir do homem velhaco as responsabilidades inerentes ao volume de veneno que suas palavras possuem. Pois uma verdade só o é realmente quando uma série de outras verdades lhe dão certeza absoluta. Hoje, antes de acreditar, é necessário reflectir. Mas para reflectir é preciso:

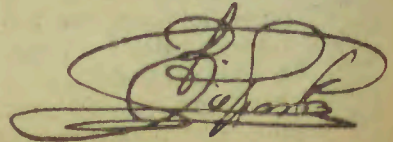
1.º— que o assunto, em questão, seja verdadeiro em si mesmo; porque só a verdade sendo o que é, se pode penetrar e respeitar.

2.º— é necessário também que o assunto seja apresentado de uma maneira clara em si mesmo ou suficientemente iluminado por outra; porque a nossa inteligência limitada necessita, para ver, de determinado grau de clareza.

3.º— é por fim necessário que actue na inteligência, porque uma verdade, em si mesma clara, não pode ser vista e determinar o assentimento do espírito senão enquanto lhe for suficientemente proposta, e o espírito, por sua vez lhe presta a atenção suficiente.

Eis pois, caríssimos leitores, como a vida passa nos bastidores dum mundo que ainda não teve coragem de fazer a sua própria crítica, precisando, a cada momento, que haja alguém com coragem bastante que lho faça lembrar.

Todos os homens bem intencionados terão de ler este artigo com o respeito que o assunto merece, pois precisamos de ajudar a renovar um mundo que há muito deixou de cumprir a sua missão mais alta: A SOLIDARIEDADE HUMANA.



HISTÓRIA DE FINO

-O «RATO SECO»

(Continuação da página 8)

brezinhas das ratazanas, não furaria as boteifas do Sê Julião, não rebentaria com as lâmpadas dos caminhos.

.....
Fino, o único herói desta história, esteve mais de dois meses muito doente, a febre alta, delírios constantes. Esteve tão magrinho e sem cor, que dizia-se que o demónio tinha dado nele. Veio o médico e disse que aquilo era uma coisa muito complicada. Ninguém percebeu bem ao certo que doença era. Fino esteve quase para morrer. Mas não morreu. Um arjo o visitou, é o que ele julga. Agora está rijo. Todos os meninos do lugar, o Afonso, o «Gaguinho», «o Três-dentes», todos visitaram o Fino que esteve quase a morrer, mas ele não se lembra.

A doença de Fino foi, para toda a gente do lugar, talvez coisa mais estranha que para o próprio médico, pois Fino surgiu outro, bem outro.

.....
Ninguém compreende a mudança, mas Fino é outro. Que lhe importa agora que toda a aldeia diga, para que todo o mundo ouça: «ah, que ele a mim não m'engana... Ou é o mimo dos doces que lhe deram ou o velhaco do «rato seco» anda mas é pr'á a magiar nalguma das da sua marca!» Fino não se importa. Porta-se direito, se importa. Um mundão de vezes passou já pelo pomar do senhor Morais e a boca lhe estalou por aqueles pêssegos que são mesmo de morrer de tão bons. Nunca mais furou as boteifas que o Sê Julião semeia todos os anos na margem do ribeiro. Há um mês inteirinho — que um mês?, digam dois, digam quase três! — que Fino não faz nada de mau. E querem saber... Tem ido todos os dias à escola. Domina-o agora uma enorme vontade de aprender, de agarrar o tempo perdido, de mostrar aos colegas que é tanto como eles, mais do que eles até, pois Fino aprende quando quer, ao passo que os outros, mesmo aquele filho do senhor Morais que o professor se não cansa de elogiar, nem sempre aprendem quando querem. Ele há-de provar, oh se há-de! Nem que dane, há-de provar ao Sê professor também... Fino há-de provar que não é o burro chapado que só aprende à força de «galhetas», da palmatória pesada que a leva um raio, de punções de orelhas, de todas as violências com que o humilharam.

«Rufino, — pergunta a Sê professor — sete vezes sete?»

«Quarenta e nove».

«Nove vezes nove?»

«Oitenta e um».

Ah, mas nem de longe o Sê

professor imagina a satisfação que Fino sente por poder responder assim de pronto a tudo que lhe pergunta! A tudo, sim, porque Fino não é só a tabuada que sabe como ninguém; ele sabe também, para atirar assim de pronto, os rios, as províncias, a história, os verbos, tudo na pontinha da unha. Ele o que deixa é o Sê professor varadinho de todo, de todo, sim, porque Fino sabe tudo, não é só a tabuada, a tabuada é canja... E o Sê professor, que sempre o teve na conta de burro chapado, esperto só para assaltar pomares, furar as boteifas do Sê Julião, matar as pobrezinhas das ratazanas e soltar palavrões de meter medo a uma alma penada que veio lá do mar coalhado ou de onde a mandou o diabo, sente-se ferido, insultado. Tal, é uma afronta aos seus largos recursos de psicólogo. E insiste. Pode lá ser que esteja enganado, pode lá ser que o rapaz não seja o medíocre que o seu forte psicológico acusara!

«Rufino, diz depressa: quem tocou a América pela primeira vez?»

Fino hesita, não responde de pronto. Pensa. E se a revista que o tio lhe emprestara e onde lera a história do rapaz a quem, como a ele, também batiam e desprezavam, estivesse enganada? Um sarilho do raio, um sarilho que poria toda a escola a rir! Mas não, a revista estava direita, direitinha; então uma revista tão bonita, com letras de cor, com nomes estrangeiros, ia lá mentir! Não. «Vou deixar banzada a malta toda, até o menino Morais que traz para a escola uma pasta de cabedal com um lindo fecho de metal que dá um estalinho...» Vai mesmo, Fino vai deixar banzada a malta toda.

«Rufino, então, quem tocou a América pela primeira vez?»

Fino não tem mais dúvidas e atira rápido, fiado nas letras de cor e nos nomes estrangeiros da revista:

«Vespúcio. Américo Vespúcio!»

«Vespu...! Quem te ensinou isso, menino? Quem foi o hereje?»

«Aprendi num livro que traz nomes estrangeiros!» — diz Fino radiante.

Há um redemoinho dentro do professor e em toda a escola.

O professor repreende, num berro ressequido, alguns alunos que riem. A revista com letras de cor não mentia. O professor arranca do rosto ofendido, duro, os óculos de aros grossos, à intelectual, e limpa-os nervosamente... «Como o raio do fedelho o enganara!»

Sim, Fino prova! Com a mes-

ma segurança com que dantes engendrava uma malandrice e a punha em prática, agora insiste em ser sempre o menino bom. Custa-lhe, às vezes desanima, sente que vai fraquejar, que não tem forças para resistir à tentativa de pregar uma partida ao Sê Julião das boteifas, ao Sê Sebastião-da-venda, aos seus colegas «Gaguinho», «Três-dentes», Afonso, mas faz um esforço e resiste. Não sabe bem que razão, que milagre o faz assim forte, sabe apenas que dantes, quando furava as boteifas ao Sê Julião ou urinava na fonte só para ouvir os insultos do mulherio, gozava porque se ria da ira e dos insultos dos outros, mas era um gozo sem compensação, quase como uma farinha de pau que não enche barriga fomenta; agora não, é bem diferente. Custa-lhe, é certo, a sua vontade fraqueja, mas o gozo é bem diferente, é bem melhor, é um sentimento novo para ele; é quase como uma estranha espécie de comiseração, de tolerância bem nascida lá do fundo de si. Mas onde, em que parte de si? «Ah, se a revista onde lera essa coisa do Vespúcio lhe dissesse também que novo sentimento é aquele que agora o alegra...» Não, é pena, mas a revista não lhe disse mais nada, nem lhe disse sequer que ele não é o que por vezes tem medo de ser: um covarde que não se vinga do mal que lhe fazem. Sim, porque Fino tem medo de ser um maricas como há tantos na escola, um daqueles que por tudo choram pela mãe; é mesmo um pavor que não o larga. Tudo menos maricas, tudo menos menino Morais. Esse pavor sentiu-o Fino, há dias, como nunca o tinha sentido até aí, mas resistiu-lhe... Pois não querem saber que foi tudo por causa desse tratante do Américo, desse fanfarrão, desse barriga inchada! O menino veio-lhe ao beija-mão, todo falas mansas, todo mimos que a mãe lhe deu em pequeninho... Fino sentiu o aguilhão da dorforra a picá-lo por todo o corpo, depois incomodou-o o tal pavor... O tratante, o mariquento tinha a conta de dividir errada e queria ir para o recreio. Dali a pouco a sineta tocara e quem não tivesse feito o problema ficaria na sala, os óculos do Sê professor a fitar, a fitar.

E o Américo passou-lhe a lousa por baixo da carteira, pedindo como um ceguinho velhaco. Fino tinha razões de sobra para denunciá-lo aos óculos atentos do Sê professor, o Américo tinha-lhe saído uma bisca tesa, um mariquento que passava a vida a acusá-lo. Mas qual? Que estão para aí a pensar? Fino não teve coragem para denunciá-lo, tal não estava dentro dele. Quem denuncia é um patife, um mariquento, um menino que borra berço! E Fino fez-lhe a conta de novo, desde o primeiro ao último algarismo, com prova real e tudo, porque lá erradilha estava ela, graças a Deus que está no céu e em toda a parte porque é imenso!

Não sabe bem o que é a coisa nova que sente a bulir dentro dele, que o impede de vingar-se, de desferrar-se, de ser o Fino antigo, mas sabe que a mudança é boa. Fino já não é tão infeliz como dantes era. Tem um objectivo e há-de atingi-lo! E Fino sente a mudança nos colegas, sente que eles começam a desistir também de qualquer coisa, sente que começam a deixar de ver nele o cabecilha talhado para todas as tratantadas que dantes se faziam dentro e fora da escola, sente que já não o podem acusar de coisas que não faz, mas pelas quais dantes pagava, como daquela vez em que despejaram um tinteiro dentro da pasta de cabedal do menino Morais e lhe estragaram o lanche. Fino recorda, vê nitidamente o menino Morais chorando o lanche perdido, o pão com manteiga, a bonita pasta de fecho metálico que dava estalinhos toda manchada de azul, recorda a pergunta e a lata irada do Sê professor.

«Quem foi o hereje?»

Mas ninguém responde, todos se calam. Mas ninguém se lembra, dos óculos do Sê professor, da visão extraordinária do Sê professor. E num gesto velho aí o vemos tirar para voltar logo a empoleirar os óculos sobre o nariz abatatado... É infalível, o criminoso está-lhe nas unhas. De que valem os juramentos de Fino? Nada, ninguém fale nos juramentos dum fedelho. Visão extraordinária, forte poder psicológico, recursos pedagógicos, rectidão, inflexibilidade no castigo! «Por a alminha do Sê professor! Eu juro

NOTA DA REDACÇÃO

O conto que hoje publicamos, HISTÓRIA DE FINO —O «RATO SECO», do nosso colaborador Fernando Lopes, é um trabalho escrito há já alguns anos.

Foi publicado na conhecida revista literária «Vértice», vol. XII, em Dezembro de 1952; mas a versão que agora oferecemos ao leitor do nosso «Boletim», não é a mesma que viu a publicidade em «Vértice». O autor não consentiu na transcrição integral deste seu conto. Refundiu-o quase totalmente.

Secção da Juventude

«A alma da mais humilde operária, vale mais que todo o oiro do mundo!»

ESTE grito de entusiasmo ou de revolta, lançado ao mundo por Mons.

Cardijn, criou para ti, jovem trabalhadora, a defesa da tua dignidade de mulher; o prestígio da tua vida de operária num mundo materializado; a certeza de que podes e deves ser uma alma grande, capaz das maiores virtudes e dos mais elevados ideais!

Sim, querida rapariga, que o trabalho mecânico das tuas mãos, não entorpeça nem mecanize o teu espírito. Ele deve pairar alto e alevantado!

Olha, vê à tua volta: na tua mesa de trabalho, quase ombro a ombro contigo, quantas vezes uma companheira precisa de ti. Não te feches no teu egoísmo; quantos dramas, oh! quantos, se escondem num rosto crispado, nuns olhos que se baixam para esconder as lágrimas, numas mãos febris que cortam, cozem ou encaixam... Se soubesses o bem que farias em abeirar-te dessa companheira e, pelo teu carinho e perseverança, levasse essa alma a abrir-se... Levasse essa alma à Fonte da Vida e do Perdão... Este trabalho ninguém melhor do que tu, jovem operária, o pode realizar. E essa alma que tu aquecerias ao calor da tua amizade jocista, valeria para ti mais que «todo o oiro do mundo»!...

Por outro lado vê: a tua mesa de trabalho quantas vezes se transforma num soalheiro de má língua... A tesoura que usas para cortar linhas e remates, não tem mais uso do que certas línguas, no corte da reputação das companheiras de trabalho... Nunca reparaste nisso? Então repara. Repara e desassombadamente faz calar essas línguas. Dize-lhes que olhem para si. Quantas vezes, — é

quase regra geral — «quem mais fala, é quem mais tem que se lhe diga»...

E finalmente, querida rapariga, recorda o magnífico tema da J. O. C. F. deste ano que passou: a campanha da aprendizagem. Traz ao espírito o teu primeiro dia de trabalho: as censuras, os risos, a troça das outras; a vergonha, o mal estar que sentiste nesse primeiro dia que parecia não ter fim. Oh! Se tivesses tido uma companheira amiga que te ensinasse com carinho os primeiros passos da vida profissional, que começava para ti como uma nova etapa ainda incerta, ainda misteriosa... Mas não. E esse dia fica marcado em tantas como um dia negro, que muitas esquecem para o fazer viver cruelmente a outras que aparecem de novo. Foi em defesa desta aprendiz principiante que a J. O. C. F. lançou a campanha. Compete a ti, jovem trabalhadora, pôres em prática este digno pensamento da Acção Católica.

Protege a tua companheira, faz-lhe o que gostarias que nas mesmas circunstâncias, alguém te fizesse também. E assim viverás plenamente, com a alegria pura do dever cumprido, o mais belo e mais sublime Ideal jocista!

Ércilia Novais Machado

Cobrança

Brevemente teremos de proceder à cobrança das assinaturas em atraso.

por a alminha da minha mãe também, juro por tudo que não fui eu!" Fino põe-se rubro de cólera e o cabelo agreste parece ficar ainda mais arrepiado, mas o Sê professor não é dos que se deixam enganar. E Fino volta para o seu lugar com as mãos empoladas, a mastigar vinganças. O professor senta-se de novo à secretária, óculos atentos, radiante por possuir um temperamento recto, e enquanto faz acomodar de novo os óculos sobre o nariz abatado, pensa: «Que géneo teatral não daria esta criança!»

Mas tudo passou, Fino agora é outro. Um anjo o visitou quando esteve doente, é o que ele julga; e passa a vida a jurar a si mesmo que nunca mais fará nada de mau. O rapaz da revista que o tio lhe emprestara, como ele apanhava pancada, era injuriado e emendou. Era um rapaz forte, um rapazão. Fino jura que há-de ser como ele, um rapazão, um valente não para furar as boteifas e estilhaçar as lâmpadas dos caminhos, para partir as «pedrinhas» dos ninhos de melro, para matar ratazanas, para arrancar rabos às pobrezinhas das lagartixas, para urinar na fonte onde o mulherio vai buscar a água. Que importa a Fino que o Sê Sebastião-da-venda diga que «quem ruim nasce ruim entra no caixão»? Mas

que importa a Fino que o Sê Sebastião se faça mano do diabo para inventar essas coisas? Mas que importa a Fino que toda a aldeia lhe pinte a manta? O que lhe importa é provar que o Sê Sebastião e a aldeia e o raio que os infunda não têm razão, que é mais uma injustiça que lhe estão fazendo! Que se danem, que se infundam pelo chão abaixo. A Fino ninguém mais verá o seu sorriso gaiato, a sua boca de lábios finos, que mais parece um talho de navalha, nunca mais se abrirá para insultar nem para rir como dantes. Que o acusem, que o injuriem, façam-lhe tudo, o que quiserem. Ele não esperneará, não jurará mais pela alminha da mãe, não mais chorará. A sua cara, agora, é bem a cara dum homem que ainda não cresceu, é uma cara de paz, uma paz de águas paradas.

Rufino, Fino, «rato seco», sabe que um dia, quando a mãe deixar de vir chorar para junto dele e de lhe chamar «meu filhinho», fugirá. Irá para onde o não chamem de «rato seco» excomungado, burro chapado, onde o não culpem de crimes que não comete. Será um homem, um homem forte, como deve sê-lo o rapaz da revista a quem batiam e faziam injustiças. Será um homem forte, Fino tem a certeza.

BARCELOS, Outubro, 1956.

SOARES DOS REIS

SOARES DOS REIS é um dos artistas plásticos mais notáveis dentre as muitas figuras de valor que enriqueceram com o seu talento o nosso património artístico.

Soares dos Reis modelou as suas figuras com elevada perfeição e insuflou-lhes sentimentos. Não são trabalhos apenas cheios de harmonia na proporção e beleza da forma, são figuras que choram, que meditam e que sorriem cândidamente... Mais do que a beleza helénica dos corpos de linhas puríssimas impressionam-nos os sentimentos que elas exprimem como se nelas houvesse uma alma e que esta estivesse reflectida no gesto, no sorriso, no olhar...

Procuremos resumidamente dar alguns traços biográficos deste grande artista, tão português no seu lirismo melancólico.

De família modesta, nasceu Soares dos Reis, na freguesia de S. Cristóvão de Mafamude, concelho de Vila Nova de Gaia, a 14 de Outubro de 1847.

O seu talento precoce foi notado por uns vizinhos e pelo pintor Francisco José Resende que com muito custo conseguiram que o pai — o merceiro Manuel Soares Júnior, se resolvesse a deixar o pequeno abandonar a loja para se matricular na Academia Portuense de Belas-Artes, onde o pintor Resende era então professor de pintura histórica.

Em breve era ele um aluno distinto na escola e distinguido, com prémios, nos exames finais de desenho, arquitectura e escultura.

Em 1867 é escolhido para pensionista do Estado, no estrangeiro. Foi admitido na Escola Imperial de Belas-Artes de Paris, mediante um concurso, em que ficou classificado número um. Dentro dessa escola a sua carreira foi brilhante. Sempre classificado em primeiro lugar, os camaradas chamavam-lhe, com amizade e admiração, — «le voleur de prix».

Quando rebentou a guerra franco-prussiana regressa a Portugal sem completar a pensão concedida pelo Estado. Daqui dirige-se para a Itália onde, com outros camaradas, se recolhe no Albergue de Santo António dos Portugueses. Em 1872 já estava de regresso a Portugal depois de ter percorrido várias cidades da Itália e da França.

Em 1881 Soares dos Reis concorreu à cadeira de professor de escultura da Academia Portuense de Belas-Artes.

Aí procurou com todo o seu talento remodelar o ensino insuflando novos conceitos, novas teorias e rasgando mais largos horizontes aos artistas portugueses. São prova brilhante do seu entusiasmo por criar novas perspectivas na arte portuguesa — os alunos distintos que teve — como Teixeira Lopes, Tomás Costa, Augusto Santo e Fernandes Sá.

Desanimado pela incompreensão do meio que o rodeava não teve coragem de viver, apesar de ter na sua obra motivo de orgulho pela justa admiração que ia causando.

O «Desterrado» poema da saudade e do desalento materializado num mármore perfeitíssimo, obteve a medalha de ouro, na Exposição de Madrid, sendo o artista condecorado pela mão do próprio monarca, Afonso XII.

Os seus trabalhos são inúmeros e há fases distintas na sua obra. Destacamos alguns de to-



O «DESTERRADO».

dos conhecidos como — O «Desterrado», «Flor Agreste», «Abandonado», «Artista na Infância», «Filha dos Condes de Almeida», etc.

Hoje o Museu Nacional de Arte no Porto, tem o nome do grande e infeliz artista — Soares dos Reis.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não se publica neste número a «Página Literária», bem como diverso original.

Prefira sempre as afamadas malhas TEBE

A Família dos Trabalhadores na consciência dos Patrões

(Continuação da página 1)

Quando dois operários procuravam um patrão o salário descia.

Havendo muitos, o comércio ou a indústria sabem que é fácil o recrutamento, pois a uma voz de chamada não faltarão braços. Como ao patrão convém o mais baixo preço do trabalho, oferece o mais baixo salário. O operário que se debate na pobreza e só por esmola entretém a vida dos filhos, vende o trabalho por qualquer preço, e chega a deixar-se contratar por um salário de fome.

É certo que por outro lado, e mais em teoria — que nunca deu de comer a ninguém — do que na prática, quando dois patrões correm atrás dum trabalhador o salário sobe. Mas como no normal da vida, este caso só excepcionalmente se verifica e em ramos muito restritos e especializados, continuava a grande massa do proletariado a viver na desastrosa lei da oferta e da procura, que os levava a aceitar a miséria de um salário aviltante.

Quantos não conhecem e até, quem sabe, por experiência própria, a tragédia duma necessidade que a tudo obriga e a exploração que tudo aproveita na ânsia insofrida dum maior lucro?

Contra este estado de coisas só um caminho se rasgava no horizonte: a revolta!

Revolta que em estado latente, dominada no peito de cada um, há muito existia e vibrava.

Gritar ao mundo os direitos do trabalho, denunciar a opressão que sobre a dignidade do homem pesava, provocar uma nova ordem social e económica era o brado inevitável da justiça dos tempos.

*

Uma voz se ergueu sobre as almas do mundo! Pela sua autoridade, elevada posição, ministério extensivo a todo o universo, ninguém poderia falar com mais propriedade, ninguém poderia ser melhor e mais bem ouvido.

Leão XIII, através da encíclica *Rerum Novarum*, dita aos homens a justiça que devem uns aos outros.

Assim, em 1891 apontava com desassombro, implacavelmente, a injustiça do estado social da época:

«O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas que eram para eles uma protecção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores isolados e sem defesa têm-se visto com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça de uma concorrência desenfreada.

A usura voraz veio agravar ainda mais o mal.

Condenada muitas vezes pelo julgamento da igreja, não tem deixado de ser praticada sobre outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornam o quinhão de um pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários».

Mais adiante focava os deveres dos ricos e dos patrões, nos seguintes termos:

«Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade de homem realçada ainda pela do cristão. O trabalho do corpo, pelo testemunho comum da razão e da filosofia cristã, longe de ser um objecto de vergonha, faz honra ao homem, porque lhe fornece um nobre meio de sustentar a sua vida».

Era esta a situação em tempos que não vão longe.

Quanto ao aspecto da remuneração do trabalho entendia Leão XIII, por *salário justo*:

«Mas entre os deveres principais do patrão, é necessário colocar em primeiro lugar o de dar a cada um o salário que convém».

«Façam, pois, o patrão e o operário todas as convenções que lhes aprouver, cheguem inclusivamente a acordar na cifra do salário: acima da sua livre vontade está uma lei de justiça natural, mais elevada e mais antiga, a saber, que o salário não deve ser insuficiente para assegurar a subsistência do operário sóbrio e honrado.

Mas se, constringido pela necessidade ou forçado pelo receio dum mal maior, aceita condições duras que por outro lado lhe não seria permitido recusar porque lhe são impostas pelo

POEMA COR DE CINZA

...E volto a encontrar-me como quando desejei
Que tudo fosse para mim bem diferente...

...Se eu sempre abominei a vulgaridade
E os dias rotineiros de quase toda a gente!

Aquela matemática pontualidade
Do que sabe a hora certa dos actos principais
— (¿ Porque não escrevi banais?) —
Que regem e condicionam a razão do seu viver...

Ele não ignora, sequer,
E à medida que o relógio vai andando
— (Que gelatinosos e felizes esses mortais!)
Que n'ele — só n'ele — está pensando
Aquela esfíngica, seráfica mulher
Que por ele — e só por ele — se perdeu...

Eu? — Eu nunca sei o que me vai acontecer...

— ¿ Mas, ó Deus dos Desamparados, serei só eu
Que em vez de breves horas, rápidos minutos
Tem dias imensos, infindáveis
Plenos de ansiedade, de incerteza, de tortura
Dos quais a verdade, a verdade pura
É feita só de crueldade, só de sofrimento?

Como são pesados, cruéis e amargos os tributos
Com que pago o direito — que não reclamei —
De viver esta vida d'horas incertas, indecifráveis
Que vivo a todo instante, que vivo no momento
Pra voltar a encontrar-me como quando desejei
Que tudo fosse pra mim bem diferente!...
É que era pouco: A vida calma de toda a gente...

Barcelos
25-X-56

Antonino Marabutto
(A. Tonino da Cruz)

patrão ou por quem faz oferta do trabalho, então é isto sofrer uma violência contra a qual a justiça protesta.....

O operário que receber um salário suficiente para ocorrer com desafogo às suas necessidades e às da sua família, se for avisado, seguirá o conselho que parece dar-lhe a própria natureza: aplicar-se-há a ser parcimonioso e obrará de forma que, com prudentes economias, vá juntando um pequeno pecúlio, que lhe permita chegar um dia a adquirir um modesto património».

Assim falou o Chefe da Igreja Católica, numa época cheia de incertezas e de dores, em que a exploração do homem pelo homem, era norma geral de vida em sociedade.

A encíclica «*Rerum Novarum*», pela revolução espantosa dos seus princípios, pela justiça social que proclamava logo ficou consagrada como a «carta magna dos trabalhadores».

O salário familiar como solução para satisfazer os encargos do chefe de família, era pela primeira vez esboçado, em termos que não oferecem dúvidas, como se deduz da expressão: «o operário que receber um salário suficiente para ocorrer com desafogo às suas necessidades e às de sua família». Tal corrente de solução tomou logo corpo na doutrina social católica.

Posta a ideia, não se indicavam, contudo, as medidas e processos porque se havia de realizar este objectivo.

No entanto o Chefe da Igreja aconselhava: «Será preferível que a solução seja confiada às corporações e sindicatos, ou que se recorra a outros meios de defender os interesses dos operários mesmo com o auxílio e apoio do Estado, se a questão o reclamar».

Procurando iluminar a consciência dos patrões, chamando-os ao cumprimento dos seus deveres, dizia:

«O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor dos seus braços».

Isto é: o patrão deve ver no trabalhador mais alguma coisa que o vigor dos seus braços. Daqui se conclue que a dignidade humana deve ser respeitada e que as necessidades do homem, isolado ou chefe de família, não podem ser esquecidas.

A doutrina de restauração social da encíclica «*Rerum Novarum*» teve no mundo notável repercussão.

Na defesa da família do trabalhador, naquilo que deve ser a remuneração para satisfazer as suas diversas necessidades, anotemos quais foram os benefícios na ordem social.

(Continua no próximo número)

DELE toda a gente dizia: "ah, o Fino, nunca este mundo de Deus viu outro tão malcriado!" — e ele, Rufino, o dos olhitos miúdos e pretos como os das ratazanas que se divertia matando à "fisgada" sempre que as agarava a cruzar o ribeiro que vem lá de longe e atravessa toda a aldeia, finas sobranceiras arrebitadas, boca larga, de lábios finos, que mais parece um talho de navalha, um cabelo grosso e arrepiado quase assim a modos de pêlo de bicho assanhado, ele sabe bem que nunca foi mau nem malcriado! Um infeliz? Sim, isso sim. Malcriado e mau, excomungado e burro, não! Fino sabe bem que nunca foi tais coisas...

Mas, então, por que teimavam em chamar-lhe de todos esses nomes feios que sem querer decorava com tamanha facilidade? Porquê? Oh, se soubessem quanto ele sofria! Se imaginassem ao de leve as vezes em que Fino, guardando segredo, se encaminhava para o cortelho onde o Sê Sebastião-da-venda guarda o chico e ao animal contou, lágrimas rebentando-lhe nos olhitos miúdos, a vontade danada que tinha de emendar-se, de ser sempre um menino bom! Oh, se imaginassem ao de leve!

E nunca lhe fizeram a vontade... Todas as lágrimas, todos os segredos gemidos às orelhas do ruço de Sê Sebastião se perderam. Nunca o deixaram ser um niquinho de menino bom, do menino bom que ele quis ser sempre... — e por tão pouco! Fino queria só uma migalhinha de compreensão. Deixassem de chamá-lo de "rapaz mais malcriado nunca este mundo de Deus viu outro" e veriam, veriam o milagre crescer diante de todos os olhos.

Fino, o "rato seco", foi muito infeliz. Fino, o "rato seco", por uma migalhinha que lhe negaram será talvez um infeliz para sempre.

Mas para aqueles que não acreditem, para os de orelha peluda, para aqueles que só viram em Fino um menino mau e de má raça, vai-se contar toda a sua história. Talvez Fino fique envergonhado, que ele nunca gostou de gabar-se nem de que o gabem, mas o que é certo é que a verdade escondida deixa a mentira envaidecida...

Eis a verdade para os de orelha peluda: Fino fez-se mau porque não o compreenderam, porque lhe negaram o que ele sempre foi: um menino bom. Fez-se mau por vingança. Brilharam-lhe de ódio os olhitos miúdos de rato, mas nunca conseguiu ser tão mau quanto quis. Fino sempre se decepcionou por maior que fosse a tratantada que a sua viva inteligência lhe desse para inventar. Nesses momentos ficava abatido e quase se arrependia, o ânimo murchava e então chorava pelos cantos, escondendo a sua fraqueza. É que nes-

ses curtos períodos de arrependimento chegava a ser um menino bom, mesmo um encanto de criança, e os arrependimentos custavam-lhe caro, tão caro que Fino arrependia-se de vivê-los.

"Fino, — dizia a mãe — chega à fonte e traz um cântaro de água" — e o Fino ia.

HISTÓRIA DE FINO

— O « RATO SECO » —

"Fino, — dizia a mãe — chega à venda do Sê Sebastião que deia um quilo das batatas de vinte e dois, que eu no sábado lhe pago a mais o pão de ontem" — e o Fino ia.

Oh, que riqueza de Fino, como ele era todo, dos pés ao cabelo arrepiado, um menino bom! Bom até quando a mãe o mandava pedir batatas fiadas ao Sê Sebastião-da-venda, o que sempre foi das coisas que mais lhe custaram, não porque pedir fiado seja coisa de envergonhar um pobre, mas porque Fino nunca gostou do Sê Sebastião-da-venda. Sê Sebastião, sabe-o Fino, é um lamúria que badala todas as suas boas acções. Certo, como ele ser Rufino e o chamarem de "rato seco", sempre que a mãe o mande à venda pedir fiado, Sê Sebastião olhá-lo-á longamente antes de lhe pesar as batatas, ou o feijão, ou a farinha; depois, se estiver só atirará os mesmos olhos doridos para o tecto sem cal do estabelecimento e soltará a temível lamúria: "que desgraça, que pena ele dar-se tanto ao vinho! Um ordenado daqueles, de poder meter um figuraço!"

Sê Sebastião-da-venda, um tipo de meia idade, um coração mole, melhor que mau, apesar de senhor de teres quietos e dum bom punhado de contos a render os jurinhos da lei, fica uns minutos a pensar na miséria do pai de Fino. Fia sempre, mas gaba-se ao tecto sem cal do estabelecimento se não tiver mais quem ouça. Por isso, cortar o coração de Fino em pedaços é fazê-lo ouvir o tasqueiro, pois nunca gostou que chamassem o pai de desgraçado e borraçhão; é mesmo a coisa mais triste que pode ouvir dizer; tanto, que quando o forçavam a portar-se como um menino mau de nada valia à pobre da mãe prègar sermão, banhar-se em lágrimas, dizer que o botava para fora de casa quando a noite viesse. "Nunca mais em Deus de vida vê uma sede d'água, meu "rato seco" excomungado!" De nada valia, nem mesmo à sua mãe obedecia quando o levavam a

portar-se como um menino mau. Era a vingança que crescia dentro dele! O seu pequenino coração enegrecia de ódio a tudo, às ratazanas do ribeiro que vem lá de longe e atravessa a aldeia, ao ruço do Sê Sebastião, até à mãe, até à meia dúzia de lâmpadas com que quebraram a escu-

que ainda não tivesse crescido, a sua cara de mau não era a cara dos outros meninos.

Por tudo isso, pelas recordações e pelo que sofre hoje, Fino é um infeliz, será sempre um infeliz. As suas recordações são uma obsessão. Pois... — lembrem-se só! — se a sua mãe, que ele tanto ama, lhe vinha também com aquela treita do "meu rato seco" excomungado que nunca mais em Deus de vida vê uma sede d'água!... Não, não e não! Ela não tinha o direito de o insultar também, e logo com aquilo do "excomungado", que era o que mais lhe doía, pois Fino sempre

teve lá na sua que ser-se excomungado é coisa muita ruim, sempre teve bem na frente dos olhos a cólera do padre, ao dizer quase todos os domingos na missa: "os ateus não passam de animais excomungados condenados ao fogo eterno dos infernos". E isso do "excomungado" sempre pôs Fino a matutar: "pró inferno só vão aqueles que são maus de todo, aqueles que matam, que batem no pai e na mãe como fazia o Zé Negrão que chegou um dia a bater na mãe uma velhinha quase entravada. Rugir prás profundas só vão aqueles que são maus como o Zé Negrão e também aqueles que foram às "alminhas" roubar todos os tostões que lá havia. Se só esses, os excomungados, os ateus, ou lá o quê, vão rugir prás profundas, por que lhe vem a mãe também como tal cantiga?" Não, não e não! Ele não merecia. Fino foi um menino bom que só às vezes se fez de mau, que não respeitou a mãe, que não foi buscar batatas fiadas ao Sê Sebastião nem a água à fonte, que apenas devolveu aos vizinhos, grandes ou pequenos, os palavrões que eles em parte lhe ensinaram, que se fez de mau porque não o acreditaram e ela sabe que sempre foi um rapaz de palavra, porque não o respeitaram, porque lhe bateram, porque o professor na escola lhe deu muitos bolos com aquela palmatória pesada que a leva um raio e lhe disse que ele era uma "pouca vergonha", um burro chapado, esperto só para malandro, porque lhe chamaram "rato seco" e não é nada "rato seco", porque lhe chamaram "excomungado" e não é nada "excomungado".

Fino foi muito infeliz, garante a quem quiser que foi muito infeliz. O resto são tretas. Deixassem-se de bater-lhe injustamente, deixassem de vir-lhe com coisas, deixasse o professor de ter a palmatória só para ele, deixasse a mãe de vir-lhe com o "nunca mais em Deus de vida vê uma sede d'água" só porque ele não queria pedir batatas fiadas ao Sê Sebastião e ouvir chamar o pai de desgraçado e borraçhão e veriam, veriam como o Fino não mais mataria as po-

(Continua na página 5)

•••

C
O
N
T
O
D
E
F
E
R
N
A
N
D
O
P
E
S

•••

Os períodos de menino bom passavam depressa. Fino vivia-os intensamente, como se com medo que lhe fugissem, e por isso não passavam nunca de momentos. E Fino sofria, sofria como talvez nenhum dos seus vizinhos pequenos como ele. O "Gaguinho", o Afonso, o "Três-dentes" e todos os meninos do lugar se divertiam como meninos que eram; Fino não, era como se fosse um homem